

Stadium

N.º 292

7 de Julho de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



O VITÓRIA DE GUIMARÃES, campeão minhoto, classificou-se em 7.º lugar no campeonato nacional, com o mesmo número de pontos do Elvas. Trata-se de uma equipa que valorizou a prova



BOAVISTA FUTEBOL CLUBE — 9.º da classificação geral, conseguiu alguns resultados de boa categoria. Não tendo sido dos primeiros, teve a honra de submeter alguns dos seus melhores adversários

Uma família que se distinguiu
no desporto nacional

OS TRÊS IRMÃOS SILVA MARQUES

NÃO são vulgares os casos de famílias numerosas com gente de valor no desporto. Mas ainda aparecem — de quando em quando. E alguns deles são muito curiosos. Em natação, há talvez, até agora, o mais interessante — a família Bessone Basto. Pai, filho e filha — tudo campeões, na sua época. Talvez apenas a ver se o gosto pela natação se estenderá aos netos... É conhecida a série das Serpas no qual em patins. Pois a festa de despedida de João da Silva Marques fez-nos lembrar a promessa de uma referência mais ampla a uma festa promovida, em 1947, pelo Desportivo da Cova da Piedade — uma festa de homenagem aos atletas da região que mais se distinguiram no desporto lusitano. E esses atletas foram três irmãos — Mário, Francisco e João da Silva Marques — dois nadadores e um jogador de futebol.

O primeiro, o mais velho, Mário da Silva Marques, praticou vários desportos. Mas salientou-se como nadador — e no Casa Pia Atlético Clube. A ele coube ganhar a primeira prova em que o clube competiu tomou parte. Mário da Silva Marques começou pouco antes a praticar natação, na Casa Pia. Foi um excelente nadador, em diferentes estilos e em provas de velocidade. E' por enquanto, o único nadador olímpico, tendo disputado, em 1924, nos Jogos de Paris, uma

braços (1922, 1923 e 1925), 200 metros, quatro estilos (1922) e 100 metros-costas (1925, 1924, 1926 e 1927). Ao todo, — 15 campeonatos.

Mário da Silva Marques foi ainda jogador e árbitro de «water-polo». Quando João da Silva Marques lhe sucedeu, na lista dos campeões de 100 metros de costas e 200 metros de braços, passou a seu orientador e treinador.

* * *

Francisco da Silva Marques foi jogador de futebol no Belenenses e em Africa. Em Lisboa, pela facilidade e força de remate, conquistou o título de Zebala, nome de um famoso avançado espanhol. Alinhou em diferentes lugares. Mas, começando por marcar melhor o seu valor a avançado-centro, acabou por se adaptar muito bem ao lugar de médio-centro, quando ainda não se entrara na tática de W. M. . .

Francisco da Silva Marques, pelas suas características, ganhou rapidamente grande popularidade. Na época de 1926-27, pertencia à equipa que deu ao Belenenses o título, sempre glorioso, de campeão nacional, marcando duas das três bolas que o Vitória, de Setabal, recebeu na final do torneio.

Dentro desta época, estreou-se, como internacional, contra a França, num desloco realizado em Lisboa, no dia 16 de Março, tendo cooperado na vitória conseguida por 4-0, embora não marcesse nenhum dos tentos da



Francisco da Silva Marques

equipa nacional. Jogou ao centro do ataque. José Manuel Martins e o falecido Pepe (José Manuel Soares) dividiram entre si as quatro bolas. A 17 de Abril envergou de novo a camisola da selecção lusitana, em Torim, contra a Itália. A sua exibição não foi também exuberante, e teve por isso de ser substituído na 2.ª parte.

* * *

João da Silva Marques, o único dos três irmãos ainda em actividade desportiva, merece uma referência especial. A sua respeito, tem, pois, a palavra, outro colaborador — Abreu Torres.

M. de O.

gloriosa da natação lusitana. São vinte e dois anos, durante os quais o campeão de classe excepcional manteve nas provas de «braços» um valor à parte, colecionando títulos, batendo recordes, afirmando-se, enfim, durante anos sucessivos, até ao aparecimento de Mário Simas, como o melhor nadador português.

Mas passemos ao aspecto objectivo do caso. Vejamos a evolução dos recordes de Silva Marques, desde o ano do seu estabelecimento — 1930 — até à actualidade. E Irizemos, entretanto, que as provas de «braços» são as únicas, em Portugal, cujos recordes conheceram, apenas, um dono — o voluntarioso nadador da Cuf, o grande João da Silva Marques.

O primeiro recorde de 200 metros-braços sarge-nos, em 1930, com o «tempo» de 3 m. 20 s., melhorado para 3 m. 7 s., em 1931 para 3 m. 0 s. 4/5, em 1932; para 3 m. 0 s. 1/5, em 1935; para 2 m. 58 s., em 1936.

Em 1937, no tanque de 25 metros da Covilhã, no dia 22 de Agosto, Silva Marques, correndo, ainda, pelo Clube de Futebol «Os Belenenses», obteve a marca excepcional de 2 m. 56 s., que hoje, a onze anos de distância constitui ainda recorde nacional, sem que, entretanto, tenha surgido qualquer nadador que ao menos se aproxime do referido «tempo».

O recorde dos 100 metros-braços foi estabelecido no ano de 1935, com o «tempo» de 1 m. 21,5 s., melhorado para 1 m.



Mário da Silva Marques

eliminatória de 200 metros braços. E entrou no I Portugal-Espanha, corrido em 1925. A ele coube também o primeiro recorde estabelecido oficialmente em Portugal — o recorde dos 200 metros-braços, fixado no antigo tanque da Casa Pia. Foi estabelecido em 1924 e ficou em 3 m. 20 s. Ganhou o título de campeão nacional nas seguintes provas — 100 metros-livres (1921 e 1922), 200 metros-livres (1921) 400 metros-livres (1921), 200 metros de

O João vai despedir-se no dia 4 de Setembro

JOÃO DA SILVA MARQUES vai abandonar a natação. A notícia que damos em primeira mão, embora não constitua surpresa para todos os que acompanham, de perto, a modalidade, não deixa de causar emoção natural.

De há anos que o recordista nacional das provas de «braços» manifestava o desejo de deixar de correr. Mas ia correndo sempre... E sempre no primeiro plano, como ainda hoje. No fundo, estava-lhe abandonando uma actividade a que estão ligados vinte e dois anos da sua vida — ele, que já transpôs os quarenta — e onde colheu os mais brilhantes louros.

Este ano, porém, tem de ser — e será mesmo... João da Silva Marques organizará no dia 4 de Setembro, com um programa

sensacional, a sua festa de despedida — a primeira festa de despedida de um nadador.

A carreira de João da Silva Marques como nadador começou há vinte e dois anos. Correu, em Aveiro, o campeonato nacional de 200 metros-braços, numa prova que foi ganha pelo portuense António Brito Junior. A corrida, ao que parece, provocou protestos quanto à regularidade com que foi disputada. E repetiu-se, depois, em Novembro, na doca de Alcântara.

Silva Marques foi, dos convocados, o único nadador que compareceu. Ganhou, assim, o seu primeiro título de campeão nacional de 200 metros-braços — uma série que só seria interrompida em 1945.

Falar de João da Silva Marques é recordar toda uma época



João da Silva Marques

193 s., em 1936, no dia 19 de Julho, e que também hoje, volvida mais de uma década, figura, ainda, na tabela das melhores marcas nacionais.

Dezassete anos consecutivos campeão nacional dos 200 metros braços, perdeu, pela primeira vez esse título em 1945, a

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone: 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Favor de Jádlio Mendes Silva, pela diferença de dois décimos de segundo. Foi nos campeonatos nacionais, nesse ano disputados em Espinho, a 28 e 29 de Agosto e em que os referidos nadadores obtiveram, respectivamente, 3 m. 9,8 s. e 3 m. 10 s.

Mes, caso curioso, no ano seguinte — 1944 — o valoroso nadador da *Cuf* volta a apossar-se do «seu» título, batendo o enérgico Jádlio Mendes Silva, do Estoril Praia, também pela diferença de dois décimos de segundo. Os campeonatos disputaram-se nesse ano, no estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, a 26 e 27 de Agosto, tendo João da Silva Marques conquistado o seu décimo oitavo título de campeão nacional. E tanto o vencedor como o estorilista obtiveram melhores «tempos» do que em 1943.

Silva Marques creditou-se de 3 m. 7,1 s.; Mendes Silva de 3 m. 7,3 s.

Na época de 1945, nos campeonatos nacionais disputados em Coimbra, na semana que medeia entre o II e o III encontros Portugal-Espanha, João da Silva Marques foi, de novo, desaposado do título máximo, desta vez, não em favor de Jádlio Mendes Silva, mas sim de um irmão deste, Artur Mendes Silva, tam-

bém do Estoril Praia, e que obteve a marca 3 m. 3,4 s.

Nesse mesmo ano de 1945, com dezanoze anos de intensa actividade, Silva Marques foi chamado a defender as cores nacionais no II e III encontros Portugal-Espanha.

E, mais uma vez, o brío, o espírito de luta, a vontade férrea do nosso recordista estiveram em evidência. Em Barcelona, classificou-se em terceiro lugar na prova de 200 metros-brços, obtendo a marca de 3 m. 8,3 s. batendo o espanhol R. Casdrilleiro — o segundo nadador do país vizinho — que não além de 3 m. 9 s.

Em Lisboa, não pôde João da Silva Marques lagir no último posto, obtendo, no entanto, melhor resultado do que em Barcelona — 3 m. 6,4 s.

Na época passada, depois de ter reforçado com brilhantismo notavel o elenco do Sport Algés e Dafundo no seu encontro com o Canõ de Madrid, foi novamente chamado a dar o seu concurso à selecção nacional. Logo, ainda, com notavel espírito desportivo. Animo consideravelmente a prova de 200 metros-brços. E se não pôde lagir do posto derradeiro, obteve, no entanto, marca apreçavel. Vejamos, por curiosidade, a classificação dos diversos concorrentes: 1.º, Manuel Guerra (E.), 2 m. 58 s.; 2.º, Artur Mendes Silva (P.), 3 m. 3,2 s.; 3.º, Francisco Andrea (E.), 3 m. 4,4 s.; 4.º, João da Silva Marques (P.), 3 m. 5,3 s.

João da Silva Marques, porém, não foi somente um nadador de «brços». Foi, também, campeão e recordista nacional de 100 metros-costas, especialidade em que travou emocionantes duelos com Fernando Sacadara, e cuja supremacia só veio a ser quebrada em 1936, por outro nadador de excepçõens recarsos — Alberto Azinhais dos Santos, nesse ano recordista da prova, com 1 m. 24 s.

Silva Marques foi, ainda, um magnífico nadador de lãdo,



João da Silva Marques é enérgico ao lançar-se para a água. Aqui o demonstra

tendo alcançado boas classificações em várias provas de mar. E constituía, com Orlando Serra e Delfim Canha, uma forte equipa de 3x100 metros — três estilos, a qual travou com a turma do Sport Algés e Dafundo lutas animadíssimas, que fizeram vibrar o público de há uma dúzia de anos.

Foi, numa palavra, um nadador excepcional, de invulgar qualidade física — e que talvez nunca tivesse dado o máximo do seu rendimento. Merecia — como recompensa moral — ter sido olímpico, em 1936, pois obteve resultados que lhe davam, de longe, direito à deslocação a Berlim. Silva Marques não era, porém, o praticante de uma modalidade popular. Não teve, além disso, quem o apadrinhasse. Aquilo que possuía — valor — não bastou... E ficou em Lisboa.

Não teve, pois, como seu irmão Mário, a dita de ser olímpico — galardão que lhe assentaria perfeitamente. Mas o seu nome re-

jalgrá, pelos tempos fora, como dos maiores da história da natação portuguesa.

Silva Marques participará, certamente, no V encontro, Portugal-Espanha marcado para os dias 14 e 15 de Agosto. Correrá, pela última vez, nos campeonatos nacionais, no lim de quele mesmo mês, e organizará, seguidamente, a de 4 de Setembro, como acima dizemos, a sua festa de despedida. Sairá do trabalho da natação portuguesa, na plena posse dos seus admiráveis recarsos de nadador e de campeão, lutando, ainda, de igual para igual, com aqueles que são mais novos vinte anos...

O homem que via aparecer e desaparecer nadadores, desponstar e empalidecer estrelas, vai retirar-se para sempre. Sai, no entanto, no momento oportuno. E sai como todos os atletas gostariam de sair — em glória!

Abreu Tôrres

O G. D. DE H. VAULTIER & C.ª

conquistou o campeonato nacional corporativo em futebol



O Grupo Desportivo de H. Vaultier & C.ª, já vencedor máximo do campeonato corporativo de futebol, noutras épocas, confirmou este ano o título.

Jogando no Porto a final contra a equipa de Paulo Silva Renato, cuja fotografia publicaremos no próximo número, assim como a do vencedor do campeonato de 2.ª categoria — o conjunto da casa de H. Vaultier & C.ª, ganhou justamente por 8-3.

O grupo tem sido treinado por Jorge Vieira. A sua consciência técnica evidenciou-se em vários encontros contra adversários valorosos. Merece felicitações o brioso grupo.

NÃO há dúvida: — o F. C. do Porto gosta de colocar sempre bem o futebol português. Para o vencer agora a equipa do Barcelona, campeão da Espanha, foi preciso recusar-se na Corunha o categorizado árbitro Ramon Melcon, homem sério e competente, que foi substituído á última hora pelo sr. Couso, um elemento que pelos vistos gosta de pugilismo, pois chegou a tomar parte numa «sessão» inesperada, no Estádio de Riazor, quando o brioso clube português ganhava por 1-0...

É sintomático. É lamentável. Mais lamentável ainda que a incompetência ou parcialidade manifesta do juiz de campo se revelasse também depois da cena de pancadaria que os portugueses suportaram, anulando um tento de Catolino, que colocaria o resultado em 2-0, já muito difícil de anular, tanto mais que o Barcelona só obteve o ponto da vitória a 1 minuto do fim...

A «Taça Teresa Herrera» custará 60.000 pesetas! Era disputada pela 3.^a vez, e ficou sempre na posse de clubes espanhóis. Primeiro — ganhou-a o Sevilla, que derrotou o Bilbao por 3-2. No segundo ano, venceu o Bilbao, que eliminou o Clube de Regatas Vasco da Gama,



renço. A defesa portuense suportou depois um embate rijo, «espanhóis», mas veio a marcar pela 2.^a vez. Claro: — o árbitro não o consentiu e novo incidente se verificou, pois todos os jogadores do F. C. Porto protestaram a decisão. No espírito dos jogadores portugueses ficou depois a certeza de que não poderiam ganhar o jogo. Barcelona, o mais categorizado clube da Espanha, da Catalunha, ganharia uma «Taça» de 60

A «TAÇA» VALIA 60 CONTOS...

O F. C. do Porto e o campeão de Espanha

disputaram na Corunha um jogo que o árbitro local dirigiu com manifesta parcialidade

Quando os portugueses ganhavam por 1-0, foi-lhes anulado um golo obtido legalmente por Catolino

do Rio de Janeiro, também por 3-2. No terceiro ano, foi convidado o vencedor do Arsenal de Londres e ainda do Valência, então campeão de Espanha — no próprio campo de Mestalla. O F. C. Porto aceitou o duelo e entrou no Riazor, pejado, 40.000 pessoas, disposto a bater-se! Mas, como o leitor já sabe, por certo, a sua boa vontade nada pôde contra a parcialidade manifesta do sr. Couso, e a valiosa «Taça Teresa Herrera», como não podia deixar de ser, lá ficou em Espanha.

Entretanto, diga-se com justiça, o F. C. P. continua temente a jogar bem contra equipas de além fronteiras. É capaz de perder contra qualquer conjunto inferior — mas se lhe acenam com uma boa equipa estrangeira, tudo muda de figura! Já pretenderam estabelecer confrontos. Mas vencer equipas estrangeiras — não chega. É preciso ganhar a clubes do primeiro plano, um Arsenal, um Viens, um Vasco da Gama, reforçado com homens do Botafogo e do Fluminense (há anos foi assim), um Ferencvaros, um Ujpest, um Áustria, empatar com a seleção do Brasil...

Voltemos ao jogo da Corunha. O F. C. P. marcou primeiro, por Lou-

contos em moeda portuguesa! Que equipa poderia resistir na Corunha contra esse desejo?

Uma coisa merece salientar-se: A maneira como o F. C. P. foi recebido na linda cidade galega. Até á altura do jogo — tudo bem. Depois é que foi difícil. A Vitor Guilhar, o capitão da equipa portuense, roubaram um anel no valor de 5 contos! Ao Araújo e a Correia Dias, desapareceram distintivos do F. C. do Porto, em brilhantes, no valor de um conto de reis cada um. Disto, naturalmente, não teve culpa o árbitro, mas sim a pouca sorte de deixar o balneário entregue a pessoas de pouca confiança.

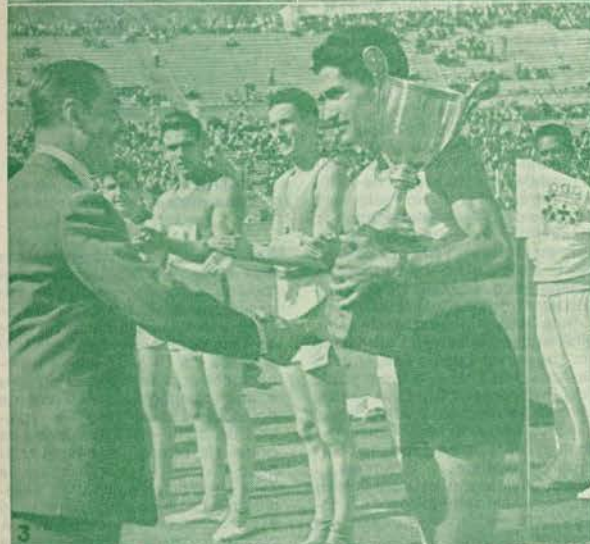
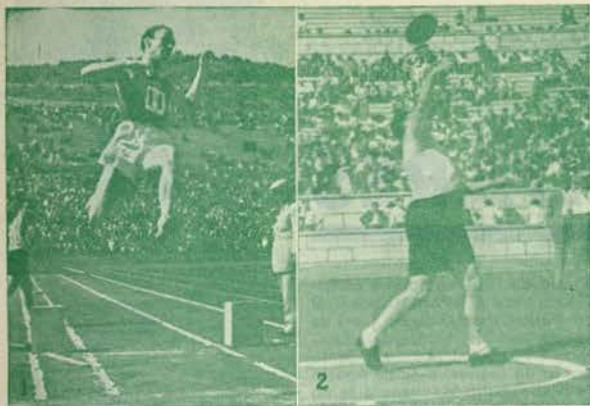
Não há mais nada para contar, a não ser que se queira dizer que Barrigana, Araújo, Joaquim e Correia Dias jogaram admiravelmente. O primeiro recebeu ali mesmo um convite, para juntar a outro de Lisboa. Porém, avisamos uns e outros: — Barrigana não sairá do F. C. do Porto. O Campeão do Norte sorri a sugestões... mas não o «deixa» por dinheiro nenhum. E' o guarda-rede da seleção nacional!...

A. S.

No próximo número:
Em Separata a cores a equipa do **BENFICA**



1 — A equipa apresentada pelo F. C. do Porto na Corunha, contra o Barcelona, campeão de Espanha. No 1.^o plano — Virgílio, Angelo, Sanfins, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Gastão e Catolino. No 2.^o plano — Francisco Gonçalves (massagista), Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Vaschetto (treinador), Chico, Alfredo, Vieira, Marques e Barrigana. 2 — Uma defesa segura de Barrigana, enquanto Guilhar evita a passagem de Cesar, o internacional espanhol. 3 — O 1.^o grupo do Barcelona, campeão da Espanha, vencedor do F. C. do Porto, na Corunha, por 2-1, após um jogo recheado de incidentes por causa de uma arbitragem parcial. 4 — Cesar conseguiu fugir a Vitor Guilhar e lança um remate potente. Barrigana, porém, cobre a bola com o corpo, num mergulho valente e oportuno



O segundo encontro Lisboa-Madrid, disputado no domingo no Estádio Nacional, concluiu com a vitória dos portugueses, merecida pelo melhor conjunto dos resultados, embora fosse valorosa a réplica dos adversários.

Os madrilenos ressentiram-se das inevitáveis dificuldades de deslocação, que limitam possibilidades e sobrecarregam os atletas. Tal foi, por exemplo, o caso de Poyan, que não existiu nos 3.000 metros porque se ressentia do esforço precedente nos 800 metros; mas também os lisboetas podem alegar a ausência de alguns elementos de primeiro plano — Melos Fernandes na altura e nos 400 metros; Alvaro Dias no comprimento, Alcide nos barreiros —, que teriam seguramente contribuído para aumento de pontuação de equipa.

Nos 800 metros, Adarraga e Bastos chocaram por duas vezes e a assistência clamou injustamente contra o corredor espanhol, que apenas defendeu um direito que a lei lhe consente: o de manter a corda.

Durante a primeira volta, o corrida foi guiada por Poyan que, aos

metros, classificou a equipa espanhola da estafeta, cujo último relevo foi feito muito além do limite.

Para que não possamos, no entanto, ficar dúbios sobre a legitimidade do triunfo lisboeta, deve dizer-se que ele seria de qualquer maneira, um facto: por 53.50 com a eliminação de Moreis e de estafeta madrilenha; por 50.50 e maior número de primeiros lugares, eliminando Moreis e mantendo os pontos na estafeta.

O encontro prova a prova

Foi nítida a vitória de M. Izun, o novo recordista de Espanha, na corrida de barreiros; Durão defendeu-se bem, mas Ferreira não deu mostras de forma que merecesse a selecção.

A corrida de 800 metros, de que já falamos o suficiente, provou o meu rendimento da pista e a suficiente forma física actual de Bastos, que terminou com dificuldade, em 1 m. 59.9 s., mesmo que levamos em conta o prejuízo causado pela tática dos dois espanhóis, notamos-lhe falta de velocidade para se impor numa corrida relativamente lenta, pois os primeiros

ATLETISMO

Bisboa voltou a vencer Madrid

quatrocentos metros se afastou da corda para deixar entrar Adarraga, colocando-se a seu lado para obligar Bastos a fazer o exterior; tática contra a qual nada se pode fazer.

Quando Poyan foi ultrapastado pelos dois adversários principais, Adarraga manteve a corda e Bastos quiz tomar-lhe sem ter a dianteira que o regulamento determina e daqui proveu o primeiro cheque, seguido de outro com origem idêntica, mas inversa. Logo a falta foi dupla, mas primeiro de iniciativa do corredor português.

A segunda anomalia passou-se na prova de 100 metros, onde Moreis devia ter sido eliminado por duas partidas falsas. Não se compreende a tolerância solicitada ao desportivismo do presidente de Federação Castelhana; a lei é inofensível e a lição teria sido proveitosa.

Dentro do mesmo espírito foi, de

400 metros foram percorridos em 57.5 s.

Agradavelmente premeditadores os 2 m. 39 s. do junior Pena da Silva, cujo estilo desconcertou muito o ajudador quando adquire mais fundo e um pouco mais de peso.

A vitória de Manuel da Silva no lançamento do peso foi absoluta: novo recorde nacional com 13.^m805 e todos os ensaios superiores ao melhor classificado. Belo exemplo de persistência, o deste atleta, que consegue melhorar dois metros, de um ano para o outro.

Emílio Ruivo não consegue o que vale; precipitação no lançamento, que é falta e desperdício, sem a necessária concentração.

Na corrida de 400 metros, Artur Dias obteve uma bonita vitória, em 51.8 s., terminando desleçado; no estafeta repetiu a proeza, recuperando cinco metros e distanciando-se muito mais.

Na prova de salto em altura desiludiu Noronha Feio, que parece frágido; Serólio Gomes com 1.^m75 ganhou o concurso e pode ir mais além, pois o seu estilo satisfaz e condições não lhe faltam.

A superioridade portuguesa nos 100 metros foi total; Moreis, que se entecoupor terceira vez ao tiro, precisa de dominar melhor os nervos. Assim não pode pensar em competições de responsabilidade internacional e inutiliza as suas reais e invulgares qualidades atléticas de velocidade.

Paquete, mais senhor de si, correu muito bem e por duas vezes os cem metros.

(Continua na página 13)

Aspecto do Lisboa-Madrid em atletismo — 1) Um salto de Navarro, vencedor do comprimento. 2) Manuel Silva, vencedor do peso. 3) O sr. major Reis, entrega ao capitão lisboeta a Taça da Câmara Municipal. 4) A equipa de Lisboa, vencedora da estafeta olímpica: Canhão, Artur Dias, Nuno Morais e Paquete. 5) Madrilenos e lisboetas após o encontro

Quer conhecer os campeões do Mundo?

IX — MANUEL SOARES

DUAS vezes suplente ao campeão do Mundo (1947 em Lisboa e este ano em Montreux) e portuense Manuel Soares é o único componente da equipe que não alinhou! Mas somente porque nunca oif preciso... Contudo, a indicação do seu nome na turma nacional, é

nós, afigura-se-nos até ser Manuel Soares o médio que melhor serve o ataque, de que mesmo não desdenha compartilhar sempre que pode.

No oquei em campo — de que por duas vezes foi campeão do Porto; nas temporadas de 1940-41 e 1943-44 — mereceu a honra de

Agosto de 1939, no Porto e no Póvoa do Varzim; I Porto-Lisboa (2-5) e II Porto-Lisboa (2-6), em 1 e 3 de Agosto de 1941, em Lisboa e Espinho; I Norte-Sul (4-7), em Santo Amaro de Oeiras, a 18 de Agosto de 1945; I Porto-Montreux (4-3), no Porto, em 7 de Setembro de 1945; II Norte-Sul (6-5), no Porto, em 15 de Setembro de 1945; III Norte-Sul (1-6), no Porto, em 26 de Julho de 1947; IV Norte-Sul (2-4), em Lisboa, a 8 de Novembro de 1947; I Porto-Antuérpia (3-4), no Porto, em 2 de Fevereiro de 1948; I Porto-Barcelona (5-4), em Reus, a 15 de Fevereiro de 1948; V Norte-Sul (3-3), em Lisboa, a 6 de Março de 1948; e VI Norte-Sul (2-3), no Porto, em 8 de Maio de 1948. Nestes encontros, Manuel Soares marcou 11 golos, com maior quantidade nas partidas Norte-Sul (5) e no II Porto-Trieste, desfeio em que obteve os dois únicos lentos dos portugueses.

Uma vez «internacional» — no VIII Portugal-Suíça (6-1), disputado em Lisboa, no Estádio Meyer, a 28 de Agosto de 1945 — tendo o grupo sido formado por Cipriano Santos, António Bernardino, Sidónio Serpa, Olivério Serpa e Jesus Correia — com as estreias de Cipriano, Bernardino, Correia... e Soares... que apenas jogou os dois últimos minutos — em substituição de Sidónio I Caso curioso: — nos seus três desfeios de estreia, Manuel Soares não jogou o tempo todo, pois que, no III Porto-Lisboa de oquei em campo, alinhou de entrada a extremo-direito mas foi substituído à segunda parte por Antero; e no I Porto-Trieste (o quei em pelins), também só jogou depois do intervalo a substituir Mário Gonçalves. No entanto, em todos os outros jogos, e foram mais 17, jogou o tempo completo.

Campeão de oquei em campo por duas vezes (pelo Boavista Fute-



MANUEL SOARES, em Montreux, posa para a posteridade



Grupo da Académica de Coimbra e do Infante de Sagres

seguro indício de que ele tem mérito de jogador — aliás justamente merecido e confirmado pelas suas actividades desportivas.

Manuel Soares, que é natural do Porto, pois nasceu no dia primeiro de Novembro de 1921 na freguesia de Lordelo do Ouro, pratica o oquei em pelins desde 1937 — sempre na 1.ª categoria e no mesmo clube: o Infante de Sagres I. É, sem dúvida, o melhor representante da cidade invicta na modalidade, e, de igual modo, o mais categorizado e conceituado elemento do oquei nortenho. Além do oquei pelinado, Soares praticou também, durante alguns anos, o oquei em campo; mas pelo Boavista F. C. E neste género do desporto evidenciou-se igualmente de maneira notória. É, pode dizer-se, um oquistado nato...

Presentemente, porém, apenas se dedica ao oquei em pelins — que lhe toma todo o tempo disponível das suas ocupações profissionais, nos escritórios da Sociedade Nacional de Fósforos. E se não existisse um jogador de fibra, como é Sidónio Serpa, seguramente que seria ele o médio ideal da turma lusitana. Jogador de invulgar qualidade — tem «classe» e sabe do lugar — o capitão do Infante de Sagres agrada ver em acção: pondegado, calmo, correcto, ele sabe o que faz e o que quer. Quanto a

ser seleccionado por seis vezes: para o III Porto-Lisboa (4-1) no Porto em 22 de Março de 1942; I Porto-Vigo (5-0), também no Porto, em 29 de Junho de 1942; V Porto-Lisboa (1-3), em Lisboa, a 23 de Abril de 1943; VI Porto-Lisboa (2-1), no Porto, em 2 de Maio de 1943; I Porto-Macau (4-2) e II Porto-Macau (1-0), respectivamente, em 19 de Junho de 1944 e 28 de Abril de 1945, ambos no Porto. Quer dizer: das seis vezes em que disputou jogos inter-regionais (três contra Lisboa, duas contra Macau e uma contra Vigo apenas de uma só vez conheceu a derrota... em Lisboa! Mas é no oquei em pelins que o seu nome figura em maior número de seleções.

Foi escolhido pela primeira vez em 1939 — simplesmente com dois escassos anos de praticante; e logo em duas partidas seguidas contra os italianos de Trieste. Foram estas, de resto, as primeiras que a turma de A. P. Norte (ao tempo Associação Portuense de Hoquei), disputou — e, depois, só por duas vezes não foi seleccionado, pois tomou parte, agora no III e no IV Porto-Lisboa (2-10 e 1-14), em Cascais, e no Porto, em todos os encontros dos oquistas portuenses contra outras regiões. Ao todo: 13 seleções. Que são: I Porto-Trieste (3-11) e II Porto-Trieste (2-6), em 26 e 27 de

bol Clube) — conforme assinalámos acima — o valoroso Manuel Soares ganhou, pelo Infante de Sagres, seis campeonatos do Porto (de 1939 a 1943 e em 1947) e cinco torneios da Taça de Honra — Porto: de 1939 a 1942 e em 1945. Em suma: «internacional» contra a Suíça; suplente a dois campeonatos da Europa e do Mundo; treze seleções regionais de oquei em pelins e seis de oquei em campo; seis vezes campeão do Porto e cinco vitórias na Taça de Honra regional. E devemos confessá-lo, um já bem longo e bonito palmarés desportivo. A confirmar categoria firme de atleta — que a tem Manuel Soares em boa dose. Fez também parte de equipa de corridas em pelins que na época em curso venceu por pontos os campeonatos do norte. O Porto pode, por conseguinte, ter orgulho no seu campeão.

Jorge Monteiro

A seguir:
X — JOSÉ PRAZERES



Infante de Sagres, campeão 5 anos seguidos

DA MAIOR PROVA DO FUTEBOL PORTUGUÊS

Futebol Clube do Porto

NÃO obstante as estatísticas demonstrarem que, em futebol, as vitórias obtidas no próprio campo são em maior número do que as alcançadas no campo adversário, numa proporção superior ao dobro, o F. C. do Porto obteve neste campeonato uma única vitória à melhor em relação aos jogos disputados fora do campo de Constituição!

Não é, evidentemente, caso único. O Benfica fez 20 pontos em casa e 21 fora, mas, entre os dois grupos, há uma diferença fundamental nas condições práticas em que disputam a Prova Maior. Enquanto os portuenses apenas têm um jogo extra-muros mas dentro da sua zona (contra o Boavista), os encarnados, como eles todos os clubes lisboetas, contam nada menos de quatro...

Isto pesa, sem dúvida alguma. Todavia, se os campeões nortenhos tivessem aproveitado melhor a chance nos desafios diante do seu público, teriam conseguido uma classificação de relevo, na Maior

Prova do futebol português. Fora do Porto, a turma de Guilhar fez o que humanamente se lhe podia exigir nas possibilidades actuais duns e doutros: vencer todos os clubes da província e perder com 3 de capital. Uma pequena variante: foi derrotado em Setúbal mas triunfou na Tapadinha. Assim, «passou» em Elvas, Olhão e Vila Real, o que nem todos os «Grandes de Lisboa» se podem orgulhar...

No seu campo, porém, mostrou a mesma impotência diante das aguerridas formações lisboetas. Valha a verdade que foi lá que os «leões» sofreram um tombo de truz, mas «azuis» e «encarnados» bateram-nos por duas bolas a zero, e o Atlético e o Estoril empataram.

Um mau resultado? Talvez. Mas não cremos que isso livesse comprometido as aspirações ao título. E' que para o conquistar, os portuenses teriam que converter em vitórias todos os jogos realizados na «Constituição», porque só assim anulariam a vantagem dos 41



Como Adriano viu Araújo — o grande jogador internacional do Futebol Clube do Porto

Frederico Barrigana é hoje um «internacional» autêntico. Eis como Adriano viu também o jogador do F. C. P.



pontos que garantem a vitória do Sporting no Campeonato Nacional... E isso seria uma empresa de gigantes que o F. C. do Porto não poderia realizar, nem qualquer outra equipa, numa prova tão dura e equilibrada. Mas a conclusão infusimável é esta: Para ganhar o torneio Máximo, o F. C. do Porto tem de apresentar uma equipa capaz de ganhar em qualquer parte — inclusive no Estádio José Alvalade ou no Campo Grande!...

A carreira do campeão nortenho

Até à 5.ª jornada, o F. C. do Porto manteve-se na vanguarda da classificação. Foi a turma de Amaro que lhe infligiu o primeiro tombo. A sua posição piorou logo na jornada seguinte, quando visitou o Campo Grande, passando de 3.º para 5.º (posto este que viria a ser definitivo...). Ainda, dois domingos volvidos, sofreu nova derrota, em Setúbal, mas a sua classificação não sofreu alteração, se não o agravamento da distância de pontos, em relação aos favoritos. Seguiram-se quatro brilhantes vitórias consecutivas, entre as quais figuram as obtidas contra o Sporting, por 4-1 e contra o Atlético, por 3-5. No fim da 1.ª volta houve nova interrupção, originada pela visita ao Estoril e subsequente revés... De novo a turma de Araújo toma balanço... e soma mais quatro triunfos sucessivos. A «pane» teve lugar desta vez na relva das Salé-

sias. E como uma desgraça nunca vem só, os portuenses sofreram a seguir novo desaire, desta contra o Benfica, e diante da sua gente! Os «olvi-azuis» que na duodécima jornada tinham conseguido alcançar o pelotão da frente (o 3.º lugar, empatados com os «leões» e estorilenses!) desceram novamente ao clássico 5.º posto — o último dos favoritos. Na 16.ª ronda, o Estoril perdeu com o campeão de Portugal, e desceram um degrau. Começou o descalabro de equipa que fora de Bravo, e os portuenses instalaram-se no 4.º lugar, à espreita de melhores dias... Os favoritos ficaram reduzidos a quatro, pois o Estoril a breve trecho estava a meia dúzia de pontos do «leader»... Pouco depois era o Belenenses também às voltas com a «crise» — e outro que era arredado do «sprint» final para o título... A duas jornadas do fim, o Benfica e o Sporting escorregaram ambos, e inesperadamente o F. C. do Porto apareceu como terceiro candidato, com dois pontos de desvantagem apenas, em relação aos dois «leaders». Uma possibilidade remota, já se vê, e efêmera, pois durou apenas uma semana...

Nesses dois últimos jogos, os nortenhos obtiveram apenas um ponto: o empate inglório contra o Estoril, seu parceiro na classificação definitiva. No outro desafio, a equipa de Vasques venceu a de Araújo, por 5-2, com um golo pare

(Continua na pág. 14)

NÃO ficaram dúvidas seja o quem for. O Sporting Clube de Portugal levou para a sua galeria mais um troféu valioso, ganhou um ápice e de sorriso nos lábios. A sua época foi francamente boa, desde o torneio de Lisboa à Taça, e ninguém lhe nega a categoria da melhor.

Fica por isso na história do futebol português mais um «ano leonino». Ano vitorioso em por cento, que orgulha ao clube e a sua massa simpaticizante.

A última vítima do Sporting foi o Belenenses que foi para o desfilio decisivo com alguns rapazes novos, ainda sem calo no jogo e na competição, e com certeza embaraçado pela ausência de Amaro, além de tão am elemento que sabe dirigir como poucos.

Perdendo entretanto por 3-1, a equipa de Belém fez bom resultado. A sua composição de domingo não lhe dava asas para vãos grandes, e demonstrou o mesmo quando tinha ainda no Estádio a sua equipa completa. Não rematando muito e fazendo-o sempre mal, o Belenenses parece ter ignorado que ao Sporting quase faltava Azevedo, a jogar desde os 6 minutos com um pé partido! O antigo guarda-redes da equipa nacional, dando mais uma vez provas da sua extraordinária dedicação, via a sua tarefa facilitada pelo inofensivo

perigoso como nos últimos desfilios, nem o Belenenses teve equipas para dominar um grapo cheio de prestígio.

As novas anidades de Belém pareceram-nos de facto prometedoras, mas faltou-lhes génio para vencer as enormes dificuldades e lutar para impor a luta corpo-a-corpo. É preciso dar tempo ao tempo, evidentemente, pois só ele prepara os músculos e o espírito para jogos de responsabilidade. Além das falhas notadas, uma outra de ordem física se verificou: — a pouca estatura dos homens da frente belenense — Teixeira da Silva aparte. São novos e perder com o Sporting na sua forma actual não é «desastre» tanto para quem principia como para os outros de classe confirmada.

Agora, terão os desportistas de aguardar a nova época se quiserem ver o Sporting perder. A formação leonina terminou o ano em beleza, pois não jogando como é seu costume, fez no Estádio o suficiente para ganhar sem discussão possível. O ataque, a caminhar para a zona de beleza adversária, é ligeiro e forte a rematar. No domingo não aproveitou muitas ocasiões, algumas «deixas» da defesa belenense, que bastantes foram. E quando Sérgio foi forçado a sair da baliza, fortemente contatado, os remates rarearam e o desinteresse foi evidente.

A última da "TAÇA DE PORTUGAL"

SPORTING, 3-BELENENSES, 1

poder de remate e de infiltração do Belenenses, e também pelo cuidado do Sporting ao defender-se. Manoel Marques e Javenal, por exemplo, foram pródigos a evitar o trabalho do seu colega de equipa.

Depois, já na segunda parte, a sorte não esteve com o Belenenses, que ficou com 10 homens e Vasco na baliza. Na do Sporting sempre estava Azevedo...

Ora, nem de um nem de outro lado se pôde aproveitar a ocasião. Com dois guarda-redes em pane — marcaram-se apenas 4 golos! Que o árbitro também contribuía para anular dois, um a cada team, — é verdade. De resto a arbitragem foi tão fraca como o jogo dos finalistas, pois nem o Sporting se mostrou tão

Diga-se que o Sporting tinha também uma preocupação: — a de facilitar o trabalho de Azevedo. Neste aspecto, foi muito bom o esforço da defesa e de Manoel Marques em especial.

Para fim de cronica, apontam-se as linhas apresentadas: Sporting — Azevedo, Cardoso, Manoel Marques, Canário, Veríssimo, Javenal, Jesus Correia, Vasques, Peiroto, Travaços e Albano.

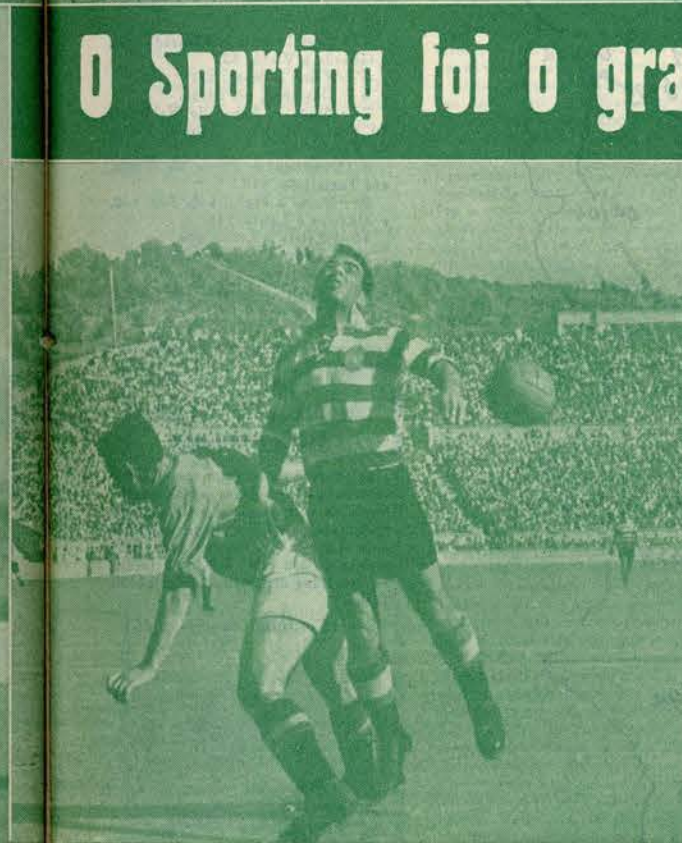
Belenenses — Sérgio, Vasco, Feliciano, Figueiredo, Castelo, Serrolim, Barros, Nanes, Teixeira da Silva, Pinto de Almeida e Quaresma.

Árbitro, Libertino Domingues, da A. F. Setúbal.

Rodrigues Teles



O Sporting foi o grande vencedor do ano



O jogo Sporting-Belenenses através da fotografia — Em cima, à esquerda — o 2.º tento do Sporting, marcado por Albano, de grande penalidade; à direita uma defesa de Azevedo, ajudado por Javenal. Em baixo, da esquerda para a direita: Peyroteo ao ataque, desfeito por Sérgio; uma intervenção de Veríssimo e o 1.º golo do Sporting, apontado por Peyroteo

SPORTING DE BRAGA, 1-BARREIRENSE, 0

Uma fase de apuro junto das redes bracarenses

O ataque do Barreirense em acção. O guarda-redes do Braga defenderá.



No próximo número a separata a cores da equipa do

BENFICA

Neste número a separata do SPORTING

Nos jogos do Torneio Municipal

verificaram-se algumas surpresas e incidentes

(Especial para «Stadium», do nosso Redactor Candeias Alvarez)

POSITIVAMENTE: este Torneio Municipal guardou-nos para as duas últimas jornadas uma série de surpresas com que ninguém contava.

Na penúltima jornada, no passado domingo, dos três clubes que se encontram no primeiro posto da classificação só o Fluminense tinha um compromisso sério a resolver, pois cabia-lhe de frontar o Botafogo, que, animado pelo empate imposto ao Vasco da Gama, entraria em campo disposto a fazer «misérias», pois que o Flamengo, de frontando o Bangü, recheado de reservas, e o Vasco, reforçado com Wilson e Friaça, mandados vir no último momento de Belo Horizonte, onde se encontrava a equipa principal, que se acha em excursão, tendo pela frente um S. Cristovão que até aqui se tem mantido num plano que não reflete bem as suas verdadeiras possibilidades, eram todos, no papel e no pensamento, como facéis vencedores.

Afinal e para gáudio de todos aqueles que afirmam não existir lógica no futebol, os três jogos que se disputaram bem confirmaram essa alusão.

O Fluminense, em S. Januario, de frontando como acima dissemos o

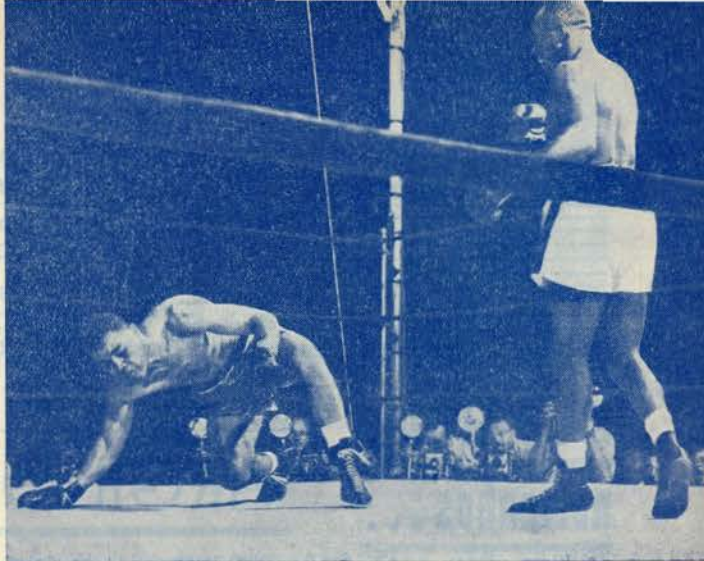
Botafogo, manteve-se na frente do «placard» até aos 85 minutos, e quando já uma grande parte da assistência se retirava e a sua torcida acenava com lenços brancos para a «social» vascaína, eis que Octávio, aos 44 minutos da segunda parte, consegue o gol do empate, que foi um autêntico banho de água fria nas ilusões dos tricolores, que antecipadamente saboreavam o prazer da vitória e consequentemente a conquista de um título que seria o primeiro de 48, e do qual foram senhores durante 12 minutos.

Ambas as equipas desenvolveram um futebol paupérrimo, em que imperou uma imensa dose de nervosismo, mormente da parte do Fluminense que jogava tudo por tudo com a ideia posta nas presumíveis derrotas do Vasco e do Flamengo que, a confirmarem-se lhes daria o «Torneio Municipal» antes mesmo da última rodada. Com a rádio de momento a momento anunciando os resultados dos outros campos, as torcidas tricolor e vascaína ofereciam-nos outro espectáculo cheio de graça, pois como resposta ao acenar dos lenços dos fluminenses, logo que o Botafogo empatou, estalaram foguetes e apareceram até lençóis! O Vasco, para a melhor de 3, incluíra na sua equipa quase todos os titulares a fim de que o título não fuja.

Em Niterói, a «reserva» reforçada dos cruzmaltinos, depois de chegar aos 3-1, julgou-se efemera vencedora e permitiu que o S. Cristovão mesmo jogando com 10 homens chegasse ao empate, que não lhe tirando as possibilidades de conquistarem o Torneio obriga-os pelo menos a ser mais cautelosos para o futuro.

Foi um dos maiores sustos por que a «torcida» do Almirante passou nesta fase inicial de 48. Do Vasco todos jogaram em tarde manifestamente infelizes, apontando-se-lhes como agravante a confiança excessiva que se apoderou dos seus jogadores, depois dos 75 minutos de jogo. No S. Cristovão todos com o fito numa vitória rehabilitadora dos sucessivos desaires, o que em parte conseguiram.

No campo do Bonsucesso, o Flamengo, com todos os seus titulares de frontava um Bangü que se apresentou com uma equipa mesclada de reservas, sem preocupações e nervosismo, visto que, mesmo vencendo, em nada melhoraria a sua posição na tabela, em contraste com os nervos dos rubros negros. Por esse motivo, foi a diminuta assistência delictada com uma exibição a todos os títulos digna de elogio e que culminou com a derrota do Flamengo por 2-1, tirando-lhe desta forma qualquer «chance». De lamentar os incidentes surgidos e dos quais foi principalmente culpado o árbitro da partida; sem autoridade, para impor a sua vontade quando alguns jogadores do Flamengo pisaram o risco, permitindo troca de carícias e uma invasão do campo quando faltavam minuto e meio para terminar o desafio em que a torcida do Flamengo tomando um partido que sendo justo



Joe Louis acaba de cair por efeito de um violento soco de Walcott durante o 3.º assalto. Após dois segundos de permanência na lona, ergueu-se e voltou à batalha, acabando por triunfar por K-O ao 11.º assalto

JOE LOUIS

despediu-se da actividade triunfando de WALCOTT decisivamente!

MUITO embora se possa julgar irreverência chamar-se-lhe assim, o jogo do boxe é uma Arte, ainda que não possua o encanto de uma tela de Watteau, a magestade olímpica das sonatas de Beethoven, o ritmo formoso de uns versos de Gonçalves Crespo ou a sonoridade profunda de um trecho do jesuíta António Vieira.

«A contemplação é a mãe da Arte; a criação é a sua Vida. Toda a Arte é acção!»

Tais palavras emanaram do cérebro de Vargas Vila, num cântico de energia magnífico e nós fomos buscá-las para introito desta crónica.

Muitas pessoas sentirão repugnância pelo cotejo, relembro-nos de que o boxe consiste em disciplinar o físico para aplicar murros violentos e cruéis num ser humano, furando o corpo às represálias. Mas esse aspecto é puramente materialista, pois acima de quaisquer conceitos há que ver diversas realidades: primeiro, o sentido da oportunidade; depois o domínio da dificuldade.

Girando à roda um do outro, como duelistas sem estoque nem adaga, os pugilistas aguardam o momento propício, oportuno, de lançar o punho. Mas não ao acaso, pois no instante será um jabe, ou um directo ou um «hook», o bote apropriado. Em seguida, vê-se como sabem dominar as dificuldades imprevistas, materializando atitudes de grandiosa beleza!

é todavia impróprio, despeitados com a derrota que se avisinhava agrediram o sr. Aristocello da Rocha.

Jogaram-se 88 minutos e meio em que o a vontade da equipa banguense se tornou notório e fez jus ao resultado conseguido.

Afastado o Flamengo resume-se a luta extra a uma final de 3 entre o Vasco e Fluminense, a não ser que a última jornada nos traga mais alguma surpresa.

Ação, Imaginação, Sofrimento, Vontade, Força, Inspiração, tais devem ser as virtudes do pugilista.

Eis por que o boxe é Arte!

Foi Joe Louis um artista? Indiscutivelmente!

Durante dez anos soube dominar, com o seu talento genial e viril, toda a oposição que lhe foram buscando. De ano para ano, os adversários, por melhores que fossem, tombaram a seus pés como ídolos rotos e mutilados.

Iconoclasta severo, derrubou os hercules mais arrojadados, como um obreiro da fatalidade a desfazer Ilusões: Baer, Carnera, Schmeling, Braddock, Paychek, Pastor, Conn, Nova e, por último Walcott.

Cansado de vencer, como Aníbal, resolveu despir o manto guerreiro e acolher-se a Cáspia e às delícias do anonimato. O último triunfo do gladiador escuro como ébano e elegante como um Apolo de jaspé, trouxe-lhe a garantia de uma saída apoteótica e imaculada. Amanhã, quando o curso dos anos tiver encarnecido os jovens de agora e amarelecido as páginas dos jornais hodiernos, os pais dirão aos filhos como viram o choque final do campeão, que se despediu por fadiga de vencer sempre!

A queda brusca do 3.º assalto, logo reprimida, e depois os passes e golpes cruzados pelo ar como golpes de alfanges, de lado para lado.

A perícia de Louis a fatigar o ágil jogador de Nova Jersey e, por fim, o ímpeto com que lhe assaltou o tronco, martelando-lhe as costelas, o estomago, o ligado e o baço, até que o jogou à lona com a limpeza de um magarefe que abatesse o seu último boi, antes de limpar o rojão definitivamente.

Joe Louis val entrar na penumbra do Tempo. A História do Boxe já o aguardava, impaciente, porque a sua hora tinha soado e as flores da sua corôa, secas e murchas, poisaram no pavimento onde outros esperam a vez

Peçam folhetos para indicação dos segmentos de lâmina

RESTOR

Restor... o segmento que resta...



Agentes no Sul

Equipauto, L. da

Equipamento geral para automóveis

Telefone 2 0123

Rua do Telhal, 33 LISBOA

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

AS RESPONSABILIDADES

DO F. C. DO PORTO

F O clube campeão do Norte foi à Corunha jogar com o Barcelona, campeão de Espanha, e não teve mau comportamento. Porém, teve a má ideia de se comprometer com um desafio em Monção.

A equipa, depois de uma viagem longa, andando cerca de 9 horas em auto-carro, chegou a Monção à hora do desafio, equipou-se... e perdeu.

O resultado não importa à crítica. Mas lamentamos que visitas dessa ordem não sejam devidamente acauteladas. Para prestígio do clube e para bem dos próprios jogadores, seria bom que não sucedessem destas coisas. De resto — o futebol português não pode ser assim mal tratado, e cumpre aos seus clubes fazer alguma coisa nesse sentido...

Ora não será assim?

MAIS UMA VEZ SE FALA

DE SERAFIM

Agora vai. O rapaz estava farto de dizer que só lhe interessava o Boavista, mas a oferta parece ser tentadora, e o clube do Bessa não resistiu ao poder do ouro.

Não acreditamos, porém, no que se diz sobre vencimentos oferecidos, trepasses, — o diabo! Os clubes de Lisboa estão a nadar em dinheiro? Ou nem tudo o que luz é ouro?

Enfim, seja como for, Serafim procura novos ares. O Boavista não cederia para clubes da sua terra, mas acabará por dizer que sim a uma colectividade lisboeta...

Pois aguardemos.

CORREDORES ESTRAN-

GEIROS NO ACADÉMICO

E NO F. C. DO PORTO?

A ser verdade o que se diz — tanto o Académico como o F. C. do Porto aparecerão na «Volta» — se concorrerem — com alguns ciclistas estrangeiros.

Fala-se neste e naquele nome. Porém, nós duvidamos alguma coisa. Por certo ficará tudo por menos, e veremos o Académico e o F. C. do Porto com os homens já conhecidos desta e de outras épocas.

OS NOVOS DO FUTEBOL

VIRGILIO MENDES

do F. C. Porto

confessa-nos o seu desejo de progredir ao serviço dos campeões do Norte

VIRGILIO MENDES tem 20 anos e «apareceu» o ano passado nas fileiras de um grande clube — o Futebol Clube do Porto. O rapaz jogava nos Ferrosários do Entroncamento, mostrava-se vivo, rijo, marcava alguns golos por causa do seu espírito codicioso — e um dia repararam nele. Em Lisboa e no Porto.

Os nortenhos, porém, foram os primeiros a chegar à joia da vila ferroviária. Virgílio aceitou o convite, foi treinar ao Campo da Constituição e ficou no campo dos nortenhos, primeiro a avançar do centro, interior-esquerda e extremo — depois a médio.

No primeiro destes pontos deslocou-se para Valença — e bateu Ezoguirre, guarda-redes de Espanha, contribuindo fortemente para uma das mais estrondosas vitórias do F. C. do Porto no campo internacional.

Depois, no decorrer do campeonato, Virgílio foi sempre um elemento útil à sua equipa. Contra o Sporting, ganhando o F. C. do Porto por 4-1, Virgílio conseguiu dominar Jesus Correia. Teve depois, em vários desafios, atuações que não correspondiam ao seu valor — mas isso mesmo deve esperar-se da juventude que ainda não sabe ou não pode dosear as suas energias para uma época sobrecarregada.

E' preciso, portanto, lembrar com Virgílio. E' muito novo, tem fibra, luta sempre de princípio a fim, e quando souber olhar só para a bola, pondo nela os olhos constantemente, teremos em Virgílio um elemento da melhor categoria.

Neste primeiro ano, o valoroso jogador denunciou as suas possibilidades. Agora, para futuro, serão apuradas cuidadosamente, embora Virgílio tenha de passar ainda pela tropa, o que sempre tira vigor físico a um praticante do futebol.

Mas vamos dar a palavra a Virgílio Mendes. E' um rapaz que sorri sempre, mostrando-se gaiato às vezes, um tudo-nada infantil.

— Sinto-me excelentemente no F. C. do Porto, e tudo faço para corresponder à maneira como sou tratado. Confesso-lhe que é uma satisfação grande que tenho em pertencer ao grande clube do Norte.

— Bravo! Não esperava tanto entusiasmo...

— Pois é como lhe digo. Às vezes sinto pena de não jogar tanto e tão bem como «le mereço». O F. C. do Porto trata-nos com muita atenção, servindo os seus jogadores dedicadamente. O ambiente é também muito agradável, e damos-nos uns com os outros. Não podia desejar melhor.

— Como encara o futuro?

— Confiantemente. Farei todo o possível por melhorar, subir de categoria. Tenho sangue na guerra, vontade não me falta.



VIRGILIO durante o jogo Porto-Misto, no Estádio Nacional

Aprenderei — porque na bola aprende-se sempre e só uma boa preparação pode conduzir-nos à «el bridade».

— Desejaria ser «internacional»?

— Gostaria. E mais ainda se contribuísse para valorizar o meu clube. Depois, agradava-me também dar nome ao desporto do Entroncamento, minha terra.

— Quer saudar por nosso intermédio os desportistas da sua terra?

— Muito lhe agradeço. Gostava de lhe dizer que servindo um grande clube da Porto, também não esqueço o que aprendi no Ferrosários do Entroncamento. Tenho lá amigos e família — que vejo felizmente nas minhas viagens Porto-Lisboa-Porto.

E nada mais. Virgílio demonstrava o seu contentamento por falar sobre os amigos. O simpático rapaz, gostando do Porto, parece ter no Entroncamento qualquer coisa que o prende...

A Volta a Portugal

para os portugueses

Na altura em que escrevemos — e pode ser que tudo esteja solucionado agora — discutem os clubes portugueses as condições da sua entrada na «Volta» a Portugal em bicicleta. Um deles, o F. C. do Porto, deseja ser tratado em igualdade com o Sporting e o Benfica, e não deixa de ter a razão a seu lado.

O F. C. do Porto só disputará a prova em igualdade de circunstância com os clubes de Lisboa, Benfica e Sporting, isto é se estes dois clubes levarem à prova oito, dez ou vinte corredores ao F. C. do Porto ser-lhe-á facultado o direito de inscrever igual número de atletas... se os tiver — é claro.

Todos os clubes portugueses devem ter representação na «Volta» e o critério da escolha é nosso e não estranho disseram os delegados.

Os portugueses colaboram para o mesmo fim e se for interdita a entrada a qualquer clube, os res-

tantes abster-se-ão de participar.

O regulamento, que chegou ao Porto com atraso de oito dias, foi devidamente estudado pelos interessados.

A representação portuguesa indicada é:

F. C. DO PORTO — F. Moreira, Moreira de Sá, A. Bruno, D. dos Santos, J. Sá, N. N. e N. N.

ACADÉMICO — Manuel Cardoso, Santos Martins, Domingos de Carvalho, Jerónimo de Souto, Dias Rocha, N. N., N. N. e N. N.

SALGUEIROS — Manuel Pereira, Firmino Claudino, Rogério Coelho, J. Silva e A. Carneiro.

BOAVISTA — Alexandre Mendes, J. Mendes, F. Meireles, M. Gomes e M. Felício.

S. FELIX — Jacinto Melo e Celestino Duarte.

Como se verifica, a representação nortenha será confiada a 30 corredores.

PRINCIPIOU

a «Semana» da F. P. N.
com a melhoria de cinco recordes nacionais

TENCIONAVA a Federação Portuguesa de Natação inaugurar a sua «Semana», tal como estava naturalmente indicado, com uma prova que, pelas suas características próprias, constituísse fundamentalmente uma jornada de propagação. Para tal efeito escolheu a prova de mar Caxias-Paço de Arcos, a qual, porém, o clube organizador, à última hora, lamentavelmente não pôde levar a efeito. E em gesto de organização de emergência, abriu a «Semana», de tão belas recordações, com um festival organizado pelo prestantíssimo Sport Argés e Dafundo, com a colaboração da entidade máxima da nataçãõ lusitana. E felizmente que ao fim e ao cabo, só há motivos para júbilo. A quinta «Semana da Nataçãõ» não podia abrir sob melhores auspícios, uma vez que cinco recordes — quatro batidos e um estabelecido — ficaram a assinalar, brilhantemente, a sua jornada inaugural. O melhor e o de maiores consequências foi, sem dúvida, o do «principlante» João Franco do Vale que, em excelente «forma» baixou para 1 m. 13,6 s. o recorde de 100 metros-costas que, uma semana antes, fixara em 1 m. 15,6 s.

Outra grande figura da manhã de domingo último foi a excelente nadadora do Algés e Dafundo, Lucília Angeja que bateu dois recordes e estabeleceu um. Domingo, Lucília superlorizou-se a si própria e excedeu as mais lisonjeiras expectativas. Realizou uma excelente prova de 400 metros-livres, certa e bem ritmada. E quando o cronógrafo registou 7 m. 5 s. estava batido o respectivo recorde da categoria de juniores, depois de na passagem de 300 metros ter caído também, o mínimo desta distância, agora fixado em 5 m. 14,8 s.

A estorillista Odete Maria Nobre — que esta época se tem distinguido nas provas de rio — foi adversária valerosa da simpática nadadora do S. A. D., cobrindo a distância em 7 m. 6,8 s.

E nos 200 metros-costas, de novo Lucília Angeja realizou proeza magnífica, estabelecendo o respectivo recorde para a categoria de juniores,

com a marca de 3 m. 46,5 s. Também nesta prova a vitória de Lucília Angeja não deixou dúvidas. Atacando a distância com entusiasmo e decisão logrou o seu objectivo, vencendo bem Odete Maria Nobre que se creditou de 3 m. 52,5 s.

A quinta grande proeza pertenceu à jovem turma do S. A. D. que atacou o recorde da estafeta de 4x200 metros-livres, principiantes. Equipa equilibrada, onde figuram alguns dos mais prometedores nomes da nataçãõ lusitana, a turma do Algés carbonou o melhor possível, e o que é mais, forneceu indicações preciosas com vista a provas de maior responsabilidade. José Inácio Borja, Fernando Rodrigues, Fernando Madeira e Eduardo Murta Barbeiro, eis os nomes dos novos recordistas que fixaram em 11 m. 8 s. o novo mínimo dos 4x200 metros-livres, principiantes.

A prova de 200 metros-livres, reservada a nadadores juniores e seniores, não forneceu as indicações que se esperava, e nela triunfou Guilherme Patrão, com o «tempo» de 2 m. 35,2 s., seguido do estorillista Felmiro Santos (2 m. 47,2 s.)

Menos felizes, os brucistas principiantes não lograram o seu intento quando atacaram o recorde dos 200 metros. O melhor resultado — 3 m. 20 s. — coube a João Faria Bichinho, depois de Luiz Ricardo Sebastião ter obtido, noutra série, 3 m. 20,2 s.

Completaram o programa uma série de provas reservadas a nadadores «infantis», que felizmente compareceram em elevado número, que se bateram com o entusiasmo habitual, e onde se distinguiram Jaime Maia, José Mourato — dois prometedores elementos do Nacional de Nataçãõ — Manuel Barbeiro, Vitor Almeida, Ernesto Severino, Vasco Dias Pereira e Maria Luiza Malheiro da Silva.

Uma animada estafeta de 3x33 metros, três estilos, encerrou o programa desta reunião que abriu com chave de ouro a quinta «Semana da Nataçãõ».

Abreu Torres



O Belenenses ganhou o campeonato de andebol, batendo o Ferroviários. Uma fase do jogo

ANDEBOL

Lisboa conquistou os dois títulos nacionais

ENCERROU-SE no domingo a temporada de andebol, que este ano teve excepcional realce. Disputaram-se, em Lisboa e em Coimbra as duas finais dos campeonatos federativos, em seniores e juniores, sendo ambos os títulos conquistados pelos representantes de Lisboa que, assim afirmou uma superioridade de conjunto que rompe a tradição.

Os adversários do jogo entre juniores foram os mesmos que há um ano se defrontaram no campo do Luso: Clube Oriental de Lisboa e Sport Comércio e Salgueiros; mas desta vez o resultado foi inverso e os rapazes do Oriental de Lisboa alcançaram uma vitória nítida, por 10-2, que é justo prêmio aos esforços desenvolvidos pela colectividade na persistente propagação das práticas do andebol.

Apresentou este ano dois grupos no campeonato regional — o que demonstra abundância de elementos utilizáveis — e conseguiu o triunfo sem conhecer a derrota, consentindo um único empate ao Belenenses.

O encontro de Coimbra, entre o Belenenses e o Ferroviários, ganhou

por mínima diferença pelo primeiro, 4-3, parece não ter correspondido, em qualidade de jogo, à sua importância representativa.

O clube vencido apresentou no final uma reclamação contra o julgamento do árbitro, que não teria considerado um ponto legitimamente obtido; esperemos que seja superiormente apreciado para conhecer a razão que lhe assiste e limitemos por agora o comentário ao simples reconhecimento da froca categoria técnica do encontro, que talvez seja já o reflexo da tendência evolutiva para a moderna fórmula do andebol, nula em valor espectacular e por certo mal assimilada ainda pelos jogadores das equipas nacionais.

Esperemos que o período de descanso que agora vai seguir-se, sirva para assentar ideias e determinar em bases seguras a orientação preferível para adaptar o andebol português às modernas táticas internacionais, sem contudo lhe fazer perder a sua personalidade e as características que o tornam um jogo desportivo apreciado e susceptível de popularidade.

José de Eça

ATLETISMO

(Continuação da pág. 5)

A prova de salto em comprimento foi banal; fez sentir-se a ausência de Dias e, tanto Vieira como Câmara, ficaram aquém do seu melhor. Navarro ganhou com um enseio feliz e que não voltou a aproximar. João Silva foi excelente vencedor dos 3.000 metros, em 9 m. 5,8 s., demonstrando recuperação de forma após a crise da época passada, Araújo teve a virtude de haver conseguido dominar um desfalecimento a meio da prova. Tempos intermédios: 1.000 metros em 2 m. 55 s., 2.000 metros em 6 m. 5 s.

Os lançadores do disco não esboçaram felizes; podiam ter, ambos, batido os espanhóis. Manuel da Silva, com 39.^m39 classificou-se segundo e José Lino foi o pior com modestos 37.^m43.

Para terminar, não deixamos sem citação os bons 800 metros de Domingos Coelho na estafeta, onde desceu aquém dos dois minutos.

Classificação dos vencedores pela pontuação final: 100 metros, Moraes, 934 pontos; 800 metros, Adarraga, 825 p.; 3.000 metros, J. Silva, 805 p.; 110 metros barreiras, Molezom, 804 p.; peso M. de Silva, 795 p.; 400 metros, A. Dias, 775 p.; comprimento, Navarro, 767 p.; altura, Seródio, 727 p.; disco, Corvejal, 708 pontos.

Salazar Correia

Homenagem aos tenistas do Benfica

A Secção de Ténis de Mesa do Benfica vai homenagear os seus jogadores, pelos triunfos alcançados nos campeonatos nacionais, de equipas e individual, com um jantar que se efectuará no próximo dia 12.

A inscrição está aberta, até ao dia 10, na Secretaria do Benfica.

ARCADIA O DANCING N.º 1

= DA CAPITAL =

Apresenta o melhor programa de variedades de Lisboa, com os princípios do MERCEDES LEON-ALBANO ZUNIGA

Glarence e Person — Ballet Alma Espanhola

BALLET DIX LOUISE GIRL'S — MARY MELY

Conehita Perez, Mabel Valencia, Almodena Quevedo, Pilarin Martin, Merche Martin, Milagrillo Sancho, Leli Cañi, Maruja Casado

Música constante pelas Orquestras Larrea com a vocalista Josita Tenor e Arcadia

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de Variedades às 24,15 horas

= Ar condicionado. Temperatura agradável =

NATAÇÃO

OS ESPANHOIS

preparam-se esforçadamente

com vista aos JOGOS OLIMPICOS

NA vizinha Espanha, a preparação dos nadadores com vista aos próximos Jogos Olímpicos de Londres, começa já a dar os seus frutos, havendo alterações a registar na tabela dos recordes. Ainda a temporada não tinha sido inaugurada oficialmente, e já sete marcas haviam sofrido melhoria apreciável.

No dia 7 de Março, na piscina do Club Natación de Barcelona (25 metros), a nadadora do mesmo clube, Elena Wust, sub-campeã nacional de «costas», e campeã regional na categoria de «infantis» — pois conta apenas 16 anos — bateu o recorde dos 400 metros-costas, fixando-o em 6 m. 44,7 s., obtendo os seguintes «tempos» intermédios: 100 metros — 1 m. 29,5 s.; 200 — 3 m. 13 s.; 300 — 5 m. 00,2 s. O recorde anterior pertencia a Mary Bernet com a marca de 6 m. 49,6 s. e não era melhorado desde 1943.

Por seu turno, o nosso conhecido Manuel Guerra, que há bem pouco tempo, numa eloquente afirmação das suas excelentes faculdades, triunfou no campeonato regional do «nadador-completo», atacou victoriosamente o recorde da prova clássica de velocidade pura, como se sabe, e como em toda a parte, o mais cobiçado de todos. Foi no dia 28 de Março, na piscina de «El Jilío Navarros», de 33 metros, em Las Palmas, onde se disputaram os últimos campeonatos nacionais de Espanha, e no decurso de um festival de homenagem ao inolvidável nadador espanhol que deu o nome à referida piscina, que Manuel Guerra conseguiu baixar o recorde do país vizinho de 100 metros-livres, de 1 m. 01,3 s. para 1 m. 00,3 s. Poucos dias depois, porém, o recorde sofria novo ataque — e nova beixa. Foi a 19 de Abril, na piscina de 33 metros, de água salgada, do Club Nautico de Tenerife, que Manuel Guerra fixou em 59,8 s. o recorde espanhol do hectómetro, sem dúvida a mais categorizada marca da tabela dos melhores «tempos» do país vizinho. Guerra creditou-se de 18 s. aos 33 metros e de 38 s. aos 66 metros.

No mesmo dia, o também nosso conhecido Calamita, que agora re-

gressou à sua região de origem, conseguiu melhorar o recorde nacional dos 100 metros-costas, que já possuía, baixando-o de 1 m. 10,5 s. para 1 m. 10,1 s. — marca também de extraordinário valor e que logicamente permite esperar de Calamita, como de Guerra, uma boa acluação no certame de Londres.

No dia 4 de Abril, a equipa de 4 x 100 metros-livres do Club Natación de Barcelona, constituída por Juan Boronel (1 m. 06,2 s.), Jorge Herrera (1 m. 0,7 s.), Roberto Queralt (1 m. 04,8 s.), e Francisco Castillo (1 m. 05,4 s.), que nadaram por este ordem, fixou em 4 m. 23,4 s. o respectivo recorde. O anterior pertencia ao quarteto representativo do Cancé de Madrid, desde 8 de Outubro de 1946, com o «tempo» de 4 m. 23,5 s.

Não se manteve, no entanto, muito tempo de pé este recorde. Dezoito dias depois, ele caiu novamente, desta vez por intermédio da turma do Club Nautico de Tenerife, com Calamita (1 m. 04,2 s.), Domínguez (1 m. 02,8 s.), Benster (1 m. 06,9 s.) e Weller (1 m. 08,2 s.), cobrindo, portanto, o percurso total em 4 m. 22,1 s.

Como se vê, os nadadores espanhóis preparam-se entusiasmadamente com vista às próximas olimpíadas. E, com efeito, os recordes vão caindo regular e eloquentemente...

Os melhores nadadores espanhóis em 100 metros-costas

A título de curiosidade, principalmente para os amadores de estéticas, e porque é, realmente, muitíssimo expressiva, apresentamos a lista dos melhores nadadores espanhóis, de 100 metros-costas, de todos os tempos. Além disso, o leitor poderá verificar a relativa abundância de valores, o seu apreciável nível médio — que é, precisamente, uma das características fundamentais da natação espanhola — e a presença de nadadores de várias regiões. Precisamente o inverso do que se verifica entre nós, uma vez que a natação portuguesa continua impossibilitada de se alargar a todas as regiões do país.

Nadador	Marca	Região	Ano
1 — F. Calamita	1 m. 10,1 s.	Canárias	1948
2 — A. Weller	1 m. 11,0 s.	»	1942
3 — M. Martínez	1 m. 12,4 s.	Centro	1942
4 — C. Piernavieja	1 m. 14,9 s.	»	1936
5 — V. Abad	1 m. 15,1 s.	Andaluzia	1947
6 — R. Weller	1 m. 15,3 s.	Canárias	1943
7 — R. Vazquez	1 m. 15,5 s.	Centro	1944
8 — R. Brull	1 m. 16,0 s.	Catalunha	1936
9 — M. Guerra	1 m. 16,0 s.	Canárias	1947
10 — J. Guerra	1 m. 17,0 s.	»	1941
11 — R. Villeescusa	1 m. 17,0 s.	Geliza	1946
12 — A. Foz	1 m. 17,0 s.	Catalunha	1947
13 — J. Franch	1 m. 17,0 s.	»	1947
14 — C. Bonacasa	1 m. 17,4 s.	»	1936
15 — J. Pedrón	1 m. 17,6 s.	Canárias	1945
16 — R. Morales	1 m. 17,9 s.	Navarra	1946

NUMEROS E CURIOSIDADES

(Continuação da pág. 7)

cada lado ao segundo minuto de jogo. Foi um duelo muito transcendente, pois oito dias depois toda a linha avançada dos «leões» aprecia integrada no «conze» nacional, para o III Portugal-Espanha.

Os jogadores

Assistimos a todos os jogos que o F. C. do Porto disputou em Lisboa. Num só o vimos vencer, o que quer dizer que vimos mais vezes os portugueses em apuros do que usufruindo vantagem no marcador. E isso é sintomático, no rendimento global dumha equipa aos olhos de crítica, embora superficial como a nossa. Mormente na linha avançada, Araújo foi o único que nos feriu a atenção, como aliás a todo o público aficionado. Está ali um «internacional» dos pés à cabeça, que será uma pedra de inestimável valor quando a Seleção Nacional for a reunião dos onze melhores futebolistas de Portugal e possuir aquele conjunto coesivo de verdadeira equipa.

Barrigona, o guarda-redes, é outro estrela de primeira grandeza do clube português.

Actuou como nunca e mereceu bem a honra de substituir o grande Azevedo, a despeito das hesitações de escolha. Vem depois Joaquim, um médio habilidoso que parece predestinado para o lugar vago por Moreira, na turma lusitana. Numa ordem em que o mérito não é estranho, distinguimos os três defesas: Alfredo, Guilhar e Carvalho. Só na 2.ª volta jogarem juntos, mas bazeando-nos no seu valor individual, cremos estar ali uma formação invejável para defesa de balizo do F. C. do Porto. Carvalho jogou a maioria das vezes a médio-atacante, substituindo Gastão, que passou para interior-esquerdo, enquanto Virgílio mudou para defesa-esquerdo. Este não mostrou queda para o lugar, mas dispendeu energias a rodos.

Gastão revelou-se ótimo condutor de jogo e mau rematador, e que não deve ser estranha a transição de médio para interior.

Numa equipa em que há um avançado que remata por quatro (Araújo marcou quase metade dos golos de equipa!) pode subsistir a harmonia, sem quase prejuizo do seu poder ofensivo. No eixo do ataque, Correia Dias exibiu-se pesado em demasia. Mas Araújo gosta de jogar a seu lado... Dos extremos, o jovem Sanjins foi talvez o mais útil, pois a sua colaboração estendeu-se e ambos os lados. Lourenço não parece o mesmo jogador que foi o Bordéus vestindo a camisola das quinas... Catolino

e o médio Romão — úteis e discretos.

Foram utilizados dezoito jogadores, dos quais só três participaram em todos os desfejos: Barrigona, Alfredo e Gastão. Com uma única falha: Guilhar, o capitão do «team», Araújo e Correia Dias. Seguem-se: Carvalho, com 21 jogos; Joaquim, 20; Sanjins e Catolino, 18; Virgílio, 17; Lourenço, 10; Romão, 9; Ferreira, 8; Angelo e Freitas, 4; Cerrito, 3 e Albano, 2.

Números e curiosidades

O F. C. do Porto foi a quinta equipa classificada em pontos e golos marcados (73) e quarta em golos sofridos (62). No seu campo igualou número de tentos marcados pelo Benfica (32), havendo mais cinco equipas à frente, entre as quais o Atlético e o Elvas! Em matéria de golos sofridos em «casa», só o Belenenses e o Benfica lhe levam a palma, e fora de «casa», equeles e o Sporting.

Depois dos dois vencedores do torneio, é a turma norte-nordestina do maior número de vitórias (17), sucedendo o mesmo em triunfos no campo do adversário (8). Em «casa» houve cinco equipas que fizeram melhor que os portugueses: as quatro primeiras classificadas e os alentejanos.

O melhor resultado alcançado pelo F. C. do Porto foi contra a Académica (7-1). Fora de «casa» foi contra o trio de turmas norte-nordestinas: Boavista, S. de Braga e V. de Guimarães (3-0). Em Oitavo venceram por 4-1. Os «alvi-azuis» obtiveram 18 pontos em cada volta.

No ano passado, ficaram em 3.º lugar com o mesmo número de pontos do Belenenses e Estoril, e com 15 vitórias, 3 empates e 8 derrotas. Marcaram o mesmo número de tentos deste ano (!) e sofreram somente mais três (!) Na época de 1945-46, classificaram-se em 6.º lugar com 20 pontos, 9 vitórias, 2 empates e 11 derrotas, 65-44 em bolas. E no ano anterior obtiveram o 4.º posto, atrás do trio B. S. B., com 9 vitórias, 2 empates e 8 derrotas, 64-48 em bolas marcadas e sofridas.

O F. C. do Porto ganhou o Campeonato das Ligas em 1935, e a mesma prova, já com denominação actual em 1939 e 40. No Campeonato Nacional, quando era disputado nos moldes da actual «Taça de Portugal», o clube de Artur de Sousa triunfou por quatro vezes: no primeiro ano, em 1922, e 1925, 32 e 37.

No campeonato da época finda, os golos do F. C. do Porto foram marcados pelos seguintes jogadores: Araújo — o brilhante marcador n.º 1 da prova, com 36 golos; Correia Dias, 11; Sanjins e Catolino, 6; Lourenço, Angelo e Freitas, 3; Guilhar, Ferreira, Joaquim e Alfredo, 1; Gregório, jogador do Atlético, 1.

Araújo marcou tentos contra todas as equipas, excepto com os Belenenses.

Vasco C. Santos

A seguir: Atlético C. de Portugal.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

ATLETISMO

Marcel Hansenne realizou no Estádio Jean Bouin uma proeza excepção: correu 800 metros em 1 m. 48,3 s., batendo o recorde da França e ameaçando o melhor tempo efectuado até hoje — pelo al-mão Rudolfo Harbig, em 1 m. 46,6 s. — que continua sendo o recorde do Mundo.

Hansenne gastou 54 s. nos primeiros 400 metros e 54,3 nos segundos, revelando um equilíbrio de esforço jamais igualado.

♦ Durante a semana os melhores resultados efectuados no estrangeiro em provas atléticas foram os que se anunciam:

La Beach (Panamá) bateu o recorde mundial das 220 jardas em 21,1 s.; H. M. Kent y (Jamaica) correu 440 jardas em 46,2 s.; Gil Dadds (E. U. A.) fez 4 m. 8,8 s. na milha; Marie (França) correu 110 metros barreiras 14,5 s.; H. Dillard (E. U. A.) nas 220 jardas, barreiras fez 22,4 s.; e Jon Moina (Roménia) correu 200 metros no tempo estúpido de 21,3 s., o melhor realizado na Europa.

Seis atletas distintos de grande qualidade.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

Estão já escolhidas as datas e designados os competidores que hão-de disputar o torneio olímpico de futebol. No dia 26, o Luxemburgo jogará contra o Afeganistão (no campo de Brighton); o Eire contra a Holanda (em Portsmouth); China contra a Turquia (em Eastbourne) e Burma contra a Índia (em Wonthing).

A 27 de Julho a Suécia e o Paquistão medem forças (em Southend); a Suécia faz frente à Áustria (em Bournemouth) e o Egito enfrentará a Dinamarca (em Portsmouth).

A Hungria, designada para jogar contra a Itália, desistiu do torneio.

A XIII Volta a Portugal

(Continuação da página 10)

A XIII Volta poderão no entanto concorrer corredores estrangeiros, quer representando clubes portugueses, quer representando clubes estrangeiros, mas sômente na categoria de «independentes» e depois de cumpridas as formalidades fixadas no regulamento de provas da Federação Portuguesa de Ciclismo.

Há, como de costume, classificações individuais e por equipas, sendo considerados, para cada equipa, os três corredores mais bem classificados de cada clube, mas cada clube só pode classificar uma equipa. Para as quatro primeiras equipas, são conferidas taças de um valor compreendido entre 5.000\$00 e 1.500\$00.

O vencedor da «Volta» ganhará 12 contos. E a lista completa vai até ao 15.º que terá apenas 1.000\$00.

Notas e comentários

Dentro da permissão concedida pelo regulamento da prova, alguns clubes portugueses procuram reforçar as suas equipas com ciclistas estrangeiros. O Sporting conta já com dois. O Sanguinhal, o Futebol Clube do Porto pensam, também, nesse reforço. Os corredores estrangeiros que entrarem na corrida, devem, pois, representar clubes lusitanos da especialidade. O Académico nortenho procedeu assim no ano passado, apresentando os marroquinos Driess e Djilali.

Não é a primeira vez que os corredores, saindo de Lisboa, partem para o Norte, desta vez a caminho da Beira Baixa. O trajecto não é talvez dos melhores, entre outras razões porque o Sul divide o circuito — em duas voltas. Tem, no entanto, a vantagem de agrupar, ao princípio, etapas fáceis — 91 e 90 quilómetros. A ida ao Sul é pouco mais do que um zaipe, quase pela mesma estrada, apenas abrindo, no final, em leque,

com uma etapa contra-relógio, já no Algarve, entre Tavira e Loulé, os dois melhores núcleos algarvios de ciclismo, ambas as terras dotadas com pistas.

Dada a perspectiva da vinda de corredores estrangeiros, a correr por clubes portugueses, não será fácil fazer prognósticos, acerca de corredores e clubes. O certo, até agora, é que, para doze voltas, há uma lista de oito triunfadores — Nicolau, Trindade, José de Albuquerque e José Martins, com duas vitórias, e António Augusto de Carvalho, César Luís, Joaquim Fernandes e Francisco Inácio, só com uma. De todos estes vencedores, apenas José Martins volta à prova. E' o único que poderá vence-la pela terceira vez. Se o conseguisse, seria a terceira vitória sucessiva. Era um recorde bonito.

Entre os corredores que vão disputar a XIII Volta a Portugal — há dois que mereciam ter já triunfado: João Rebelo, campeão nacional de fundo, e Fernando Moreira, campeão nacional de velocidade. Será este ano de Rebelo ou de Moreira? E' difícil fazer previsões... Os «azes», os melhores, os que têm valor afirmado, vão por certo empenhar-se na conquista do primeiro lugar. Além de Rebelo e Fernando Moreira, há, entre os outros corredores nacionais, alguns que podem sair de Lisboa com aspirações. Moreira de Sá, fez uma excelente prova no último campeonato de Portugal, e foi o melhor corredor do Porto na «Volta» de 1947. E' conveniente apontar o nome deste corredor.

A prova é, todavia, difícil. E é difícil a luta, por causa das equipas. O pior, porém, para previsões, é a presença de corredores estrangeiros. Eles constituem a maior incógnita para a corrida deste ano. A maior surpresa — e um dos seus atractivos.

M. de O.

NOTA DA SEMANA

ESTA em marcha uma das provas de ciclismo mais sensacionais e populares de todo o Mundo, e decerto aquela que na imaginação popular tem produzido maior entusiasmo. Referência ao clássico Tour de France, ou Volta à França em bicicleta, começada no dia 30 de Junho e que se estenderá até ao dia 25 de Julho corrente.

Os franceses alinharam uma equipa cheia de varões respeitáveis: Vieillo, Robic, Capul, Teisseire Idée, Bobet, Danguillaume, Lazarides, Malsé e Fachleitner. Dez homens integrados e absorvidos num único pensamento, o de se auxiliarem mutuamente, sacrificando-se pelo que estiver em melhores condições de arrancar o triunfo. Isto, na aparência, pois a realidade tem menos poesia, existindo grandes desavenças entre Vieillo e Fachleitner, que preocupam o director técnico da corrida, Maurício Archambaud.

Os italianos enviaram o religioso Gino Bartali e mais 19 colegas, entre os quais figuram Ronconi, Fazio, Coltur, Sforacchi, Lambertini, Mori, etc.

A Bélgica, outrora um dos competidores mais perigosos, quando os Filipe Thys e outros de igual jaez batalhavam com gana à cata do primeiro posto, acha-se reduzida a uma posição bastante medíocre. Quanto à Suíça, travou-se há pouco o duelo entre os melhores ciclistas alpinos, para disputa da Volta helvética e não se espera grande coisa dos seus representantes.

Isto constitui o resumo singelo das condições em que se disputa a grande competição ciclista, inventada por Henri Desgranges, o brilhante jornalista que dirigiu L'Auto. Há, no entanto, um pormenor sentimental que nos induziu a recordar neste lugar o nome do venerável ancão cuja actividade, modestia e tacto político só se comparava com a paciente energia que punha nas suas obras.

Homenageando a sua figura, desaparecida para sempre, os concorrentes que triunfarem nas diversas etapas e obtiverem a famosa camisola amarela, levam ao lado do coração as iniciais do seu precursor.

H. D. ou Henri Desgranges — eis uma homenagem perfeita, presente e digna do creador da mais popular corrida de bicicleta de toda a Europa.

R. B.

TENIS BOXE

O Torneio de Ténis de Wimbledon (Inglaterra) goza de justificada reputação de ser uma espécie de campeonato mundial de natureza individualista. Os vencedores, quase sempre participantes noutros torneios menores, como os campeonatos parisiense e da Costa Azul, acabam rasgando o manto immaculado do amadorismo, passando a profissionais com a «carta de curso» ou a «tese», se quiserem, de haver triunfado em Wimbledon.

Este ano, como em todos os outros, aliás, a pista central forneceu mais surpresas: Primeiramente, a derrota de um grande favorito, o checo Drobny, batido pelo campeão italiano Cucelli, depois a eliminação deste último pelo modesto inglês Tony Mottran e para cúmulo, em seguida, a derrota do favoritíssimo americano Frank Pasker, após duas horas de luta sem tréguas, por 5/7, 7/5, 9/7, 0/6, 10/8, graças a uma inspiração despropositada e excepcional do sueco Bergelin.

Ao fim da quarta eliminatória (singulares) ficaram na liça os seguintes candidatos: Bromwich (Austrália), Mulloy, Patty, Tom

O campeão da Argentina Abel Cestac, rival de Alberto Lovell, combateu no Rio de Janeiro contra o seu compatriota Lucas Rubinch e despachou-o em dois assaltos.

♦ Ray Robinson conservou o título dos semi-médios, ao vencer por pontos o jovem e resistente Decussen no final de 15 rounds.

Brown, Falkenburg (América), Asboth (Hungria), Mottram (Inglaterra) e Bergelin (Suécia).

Liquidando este último em quatro partidas, o jovem americano Falkenburg manifestou a sua capacidade por 6/4, 6/2, 3/6 e 6/4, enquanto Bromwich ganhou a Patty por 6/4, 7/5, 6/1; Mottram perdeu com Mulloy, por 2/6, 6/1, 5/7 e 1/6 e Asboth triunfou de Tom Brown por 4/6, 6/3, 4/6, 6/1, 6/1.

Nesta data em que escrevemos ainda se desconhece o triunfador mas Bromwich ou Falkenburg terão no húngaro Asboth um terrível adversário e um possível campeão de Wimbledon.



Os últimos acontecimentos desportivos — 1) Ricardo Ornelas, nosso distinto camarada de jornalismo foi homenageado pelo brioso clube que fundou: — o Casa Pia A. C. Apresentamo-lo na altura em que agradece a homenagem. 2) O Campo de Ourique realizou na sua sede uma festa comemorativa do seu aniversário. 3) O Ateneu Comercial comemorou também o aniversário com um festival desportivo. 4) A equipa do Estoril dedicou um banquete ao seu antigo director Frederico Bandeira. 5) Já se anda no nosso Tejo à «americana». 6) A equipa de 8 da Associação Naval, na prova de apuramento para a regata Porto-Lisboa. 7) O «yolle» de 8 da Cuf, vencedora de uma das provas do regional.